

O Porto volta a encher-se de Orgulho na 20.ª Marcha LGBTI+

written by Rui Paulo Costa | 28 de Junho, 2025



O coração do Porto bateu este sábado com mais cor, mais som e mais coragem. A 20.ª Marcha do Orgulho LGBTI+ voltou a percorrer artérias centrais da cidade, numa expressão clara de que **existir é já, em si, um ato político – e resistir, um dever** que se renova a cada passo.



A causa palestiniana estava lá, nas cores de uma ou outra bandeira – presença constante numa luta que transcende

fronteiras. Foto de IOLANDA RODRIGUES/OCIDADÃO.

Com concentração marcada para as 15:00, na Avenida dos Aliados, a **marcha avançou por vias como a Rua Gonçalo Cristóvão, Praça da República, Rua da Boavista, Cedofeita, Carlos Alberto e Rua do Carmo, até chegar ao Largo Amor de Perdição.** Ali, o espaço transformou-se num ponto de celebração e encontro, ainda que este ano sem o habitual Arraial + Orgulhoso, cancelado por falta de apoio institucional.



#ORGULHOPORTO direitos reservados.

Apesar do cancelamento do arraial, a marcha seguiu inabalável, impulsionada por palavras de ordem, batidas de percussão, cartazes caseiros e leques abertos ao alto – símbolo Queer resgatado da história, da performance e da resistência. **A própria organização incentivou este gesto como resposta coletiva e visível à ausência de apoios e ao recrudescimento de discursos de ódio.** Bater leque, nesta edição, tornou-se um sinal de presença.



Batidas de percussão acompanhavam as palavras de ordem. Foto de IOLANDA RODRIGUES/OCIDADÃO

O lema escolhido – **“Direito a existir, dever de resistir”** – marcou o tom da jornada. Ao longo do percurso, entre bandeiras arco-íris e faixas com identidades diversas, multiplicaram-se frases como “Viver não é só respirar”, “Antes fufa que fascista” ou “O amor não precisa da tua permissão”. Eram gritos, mas também confissões – testemunhos da urgência de quem recusa o silêncio.



“Antes fufa que fascista” foi uma das frases que ecoaram durante o

desfile. Foto de IOLANDA RODRIGUES/OCIDADÃO.

Muitos participantes partilharam a sensação de que **a marcha deste ano tem um peso simbólico particular**. O contexto atual, com a escalada de narrativas de extrema-direita e o crescimento do discurso anti-LGBTI+ nos espaços digitais e políticos, tornou mais evidente a importância de ocupar o espaço público. O regresso a estas ruas é, para muitas pessoas, **um gesto de sobrevivência e de solidariedade** com quem não pode estar.

Sentia-se, entre manifestantes, uma consciência clara de que **não basta comemorar: é preciso denunciar. Denunciar os retrocessos, as ameaças, a invisibilização, a pressão para que o afeto Queer seja empurrado para a esfera privada**. A presença nas ruas, afirmaram, é também uma recusa à ideia de que estas identidades devam ser escondidas ou toleradas apenas em silêncio.



Uma consciência clara entre manifestantes de que, “Não basta comemorar! É preciso denunciar!”. Foto de IOLANDA RODRIGUES/OCIDADÃO.

Nas palavras não ditas, mas repetidas em cartolinas e vozes cantadas, era possível identificar também um chamamento à escuta. Muitos ali desejavam que quem ainda vê estas lutas com preconceito pudesse testemunhar a diversidade real das pessoas presentes. **Que percebessem que por trás de cada cartaz está alguém que quer amar, viver, trabalhar e existir com a mesma dignidade que qualquer outra pessoa.**

A ausência de apoio da autarquia e o aumento drástico dos custos de policiamento – sete vezes superiores aos valores de 2022 – foram também temas presentes. A organização alertou, ao longo das últimas semanas, para a desigualdade na forma como os eventos comunitários LGBTI+ são tratados face a outras iniciativas na cidade. A comunidade recusou, no entanto, deixar que o cancelamento do arraial silenciasse o resto. A resposta foi clara: **“Canceladas, sim. Silenciadas, nunca.”**

A marcha voltou a afirmar-se como espaço plural e interseccional. Estavam ali pessoas trans, não-binárias, cisgénero, com ou sem deficiência, crianças com as suas famílias, idosos, imigrantes, ativistas de causas ambientais, pessoas racializadas, artistas, estudantes, trabalhadores. **Toda essa mistura deu corpo a uma convicção central:** o orgulho é coletivo e não há liberdade individual que não dependa do bem-estar comum.



A marcha voltou a afirmar-se como espaço plural e interseccional. Foto de IOLANDA RODRIGUES/OCIDADÃO.

No mês em que se assinalam 55 anos da revolta de Stonewall, momento fundador do movimento LGBTI+ moderno, a Marcha do Porto reforçou que não se trata apenas de recordar. Trata-se de continuar. E de continuar com alegria, mas também com firmeza. Com festa, mas com consciência política. Com amor, mas sem concessões.

Ao fim da tarde, entre cânticos como **“Nem menos, nem mais, direitos iguais”** e **“A nossa luta é todo o dia”**, o Porto mostrou mais uma vez que a cidade resiste – com cravos, com leques, com glitter e com memória. E que 20 anos depois da primeira marcha, a luta está longe de terminar.



Cartaz do Evento.
#ORGULHOPORTO direitos reservados.

Saiba que...

- A Marcha do Orgulho LGBTI+ do Porto realiza-se desde 2005, e assinala este ano duas décadas de existência.
- O Dia Internacional do Orgulho celebra-se a 28 de junho, em memória da revolta de Stonewall, em 1969, nos EUA.
- O cancelamento do arraial foi motivado pelo aumento dos custos de policiamento, associados a “ameaças e vulnerabilidades” atribuídas pelas autoridades.

OC/RPC/IR